

O Corpo como Linguagem no Processo de Mercantilização dos Escravos e Escravas Negras para Designação das Atividades Laborativas no Século XIX no Brasil¹

AMORIM, Eliã Siméia Martins dos Santos²

SILVA, Elis Rejane Santana³

PAULINO, Roseli Fígaro⁴

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Pautado nos estudos teóricos de Marx e o Materialismo Dialético, Schwartz e Durrive, em suas considerações acerca da Ergologia; a Linguagem; no campo estruturado por Bakhtin e a enunciação; este texto discute a palavra como signo dialético e ideológico, ao princípio dialógico, à alteridade e aos discursos cotidianos, quando se refere aos negros e negras escravizados e seus corpos mercantilizados para as atividades laborativas no Século XIX no Brasil. Discute o corpo e a beleza, o trabalho e a visão preconceituosa e perversa anunciada nos jornais da época, de grande circulação no País e de como a linguagem pode estar profundamente atrelada aos signos estigmatizadores, que se perpetuam nas práticas sociais e cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; linguagem; atividade laborativa; mercantilização; escravos negros.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca estabelecer relações entre o corpo, em suas estruturas físicas, objetivas, concretas, como também suas percepções e construções materiais na produção inteligente de trabalho e atividades propriamente humanas, em específico; de que forma este corpo pode ser estabelecido como linguagem.

Os teóricos que o fundamentam são Marx e o Materialismo Dialético, Schwartz e Durrive, em suas considerações acerca da Ergologia; a Linguagem no campo e a enunciação, estruturado por Bakhtin, onde encontramos conteúdos pertinentes à palavra como signo dialético e ideológico, ao princípio dialógico, à alteridade e aos discursos cotidianos, como fruto dos estudos e bases teóricas oportunizadas pelo Doutorado em Ciências da Comunicação da PPGECOM- ECA/USP.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Campus III- Juazeiro/BA. Doutoranda do PPGCOM da ECA-USP/Dinter, e-mail: eliasimeia@yahoo.com.br

³ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Campus III- Juazeiro/BA. Doutoranda do PPGCOM da ECA-USP/Dinter. e-mail: elissseco@gmail.com

⁴ Professora Livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. USP. Orientadora do artigo. e-mail: roseli.figaro@gmail.com

Ao desvelar “**O corpo como linguagem no processo de mercantilização dos escravos e escravas negras para designação das atividades laborativas no Século XIX no Brasil**”, percorre-se através das leituras e incursões em pesquisas de cunho exploratório e documental. Para isto foram catalogados e analisados diversos anúncios publicados e digitalizados compostos do acervo da Biblioteca Nacional (digital), de jornais do Século XIX do Brasil, como o *Correio Paulistano* e *Diário de Porto Alegre*; estabelecendo uma relação entre a venda do corpo negro enquanto instrumento acéfalo e força material para as atividades laborativas nas lavouras de açúcar; assim como as mulheres negras designadas como amas de leite, cozinheiras, arrumadeiras de casa, cujas características físicas deveriam ser reveladoras de força física e saúde.

Dentre os vários questionamentos que vão sendo discorridos no texto, apresenta-se Manuel Querino, fotógrafo baiano e sócio fundador do Instituto Geográfico da Bahia, cujas imagens retratam as figuras dos negros escravos de forma afetuosa e contrária ao que se tinha até então.

Por fim, apresenta o sistema escravagista como alienante, perverso e que anula todo sentido da Ergologia do corpo-si, uma vez que destrói todo e possível contrato, negociação ou voluntariado, assim como elimina a possibilidade pensante do ser dominado e subjugado por outros seres humanos.

1. O CORPO E A LINGUAGEM

1.1 O Corpo: Sentidos de Beleza

*Tu és o mais belo dos belos,
 Traz paz e riqueza.
 Tens o brilho tão forte
 Por isso te chamo de pérola negra.*
 (Ilê Pérola Negra - Miltão / Renê Veneno / Guiguio)

Ao pensar em corpo, pelo menos dois elementos se nos apresentam: o corpo material, concreto, rígido, temporal e uma essência imaterial, que produz movimento, transformação e apesar de não ser vista, é sentida, etérea, transcendente. Discussão essa que remonta a Antiguidade ao contraporem razão e experiência, sentidos na metafísica Aristotélica, ciência das primeiras causas (*τα πρώτα και αιτια*) e no tomismo platônico, cuja alma inteligível “*se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade*” (FÉDON in PLATÃO, 1991, p.90). Sob tais égides, a lei dos

contrários se estabeleceu, dando luz ao materialismo filosófico e mais tarde ao materialismo dialético em Marx e Engels.

Enquanto invólucro de existência ou essência, o corpo tem evocado para si a supremacia do eterno, puro e casto, nas figuras da Virgem Maria ou da perdição, sensualidade, selvageria e pecado na figura da Eva, do Paraíso, presentes na Idade Média e no Renascimento, traduzidas nestas diferentes épocas, pelas literaturas dos Santos da Igreja, São Tomaz de Aquino e Santo Agostinho, entre outros; dos grandes nomes da pintura e escultura, como Leonardo da Vinci e Michelangelo, além dos ensaios de anatomistas, que aos poucos foram se revelando. Tais configurações apresentam em sua base a teologia moral, cujas virtudes assentam-se nos valores de “beleza moral” – *scientia*, a prudência e a sabedoria; *beneficientia*, o ideal de justiça, *fortitudo*, a grandeza da alma, desprezando o que é particularmente humano, traduzido como *temperantia* ou *modéstia*; (SCHMITT, 1995), próprios da cultura eurocêntrica, que revelam a fé e a crença cristã e tem se espalhado pelo mundo ocidental. Contudo, o corpo, na sua sacralização ou escárnio não é percebido de igual modo em outras culturas ou povos, cujas racionalidades não acompanham este modo de pensar; a exemplo dos indígenas brasileiros, que se apresentam despídos ainda na contemporaneidade e dos japoneses, em banho de ofurô (お風呂), cujo hábito e o prazer do corpo apresentam finalidades que perpassam apenas a higiene.

O corpo tem sido motivo, portanto, de estudos, teorias, elucubrações, que representam o modo de pensar de cada grupo ou cultura, em seus tempos históricos; uma vez que também é a forma como nos apresentamos para o mundo, que sentimos, nos expressamos, movimentamos e realizamos nossos atos e manifestamos nossos intentos; é por ele que amamos ou odiamos, e ao final também se esgotará quando morrermos. (DARÉ, 2015).

Lino (2002, p. 3) traduz acerca do corpo, quando afirma que “ele fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo que é natural, o corpo é também simbólico”.

Em função de não sermos iguais, enquanto espécie biológica, mas também culturalmente, damos ao corpo diversos sentidos, modificamos sua estrutura, introduzimos diferentes padrões estéticos, pinturas, cores, enfeites, adornos, mutilamos ou acrescentamos elementos a fim de sermos aceitos e incluídos onde estamos.

Umberto Eco (2004), discorre a beleza contrária ao sentido absoluto, contudo apresenta juízos de valor, pautado em estudos da arte e da filosofia, que envolvem textura, simetria e padrão.

Teixeira (2001, p. 1), ousa afirmar que, a partir dos sinônimos de “beleza” em dicionários Aurélio e Larousse:

eles registram beleza como "coisa bela, muito agradável, ou muito gostosa" e "harmonia física, moral ou artística, que inspira admiração e encantamento". Resulta evidente de tais registros que não só os cinco sentidos, mas, também outros elementos, como cânones estéticos, códigos morais e políticos e mesmo idiosincrasias, atuam como filtros através dos quais se percebe a presença ou a ausência de beleza em pessoas, animais, coisas e fatos.

De forma que, o corpo passa a representar muito mais do que um invólucro, mas é a própria identidade e a marca do ser e estar no mundo. *Ser belo é ser aceito e incluído*. O corpo também é depósito de doença ou saúde, revela pobreza ou luxúria. As marcas da violência ou da leveza, que por sua vez, pode reduzir-se em “depositário falível de males, fruto tanto do insucesso da força do coletivo, quanto do poder individual”. (CHAMMÉ, 2002, p. 8).

Neste sentido, indagamos: o corpo tem linguagem própria? É o que nos propusemos a discutir.

1.2 O Corpo como Linguagem

*“Você é forte dentes e músculos, peitos e lábios.
Você é forte letras e músicas.
Todas as músicas, que ainda hei de ouvir.
No Abaeté, areias e estrelas não são mais belas do que você
Mulher das estrelas, mina de estrelas: Diga o que você quer”.*
(Caetano Veloso)

Não é difícil perceber a linguagem do corpo. É através dele que expressamos sentimentos, doença ou saúde, condições socioculturais e econômicas. Também é por meio do corpo que estão as nossas marcas étnicas, e as diferenças biológicas entre as raças, de igual modo demonstram nossas formas de expressão, que remontam identidade e diferenças. Para Silva (2000, p.76) “Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística”.

As marcas de cada corpo individual ou conjuntamente dão forma e sentido a estas identidades. Os sujeitos são reconhecidos, ainda na contemporaneidade, por sua raça, gênero, classe social, religião ou outra característica, pois a forma como se apresentam socialmente ou o são, configuram a pessoa que está por traz da vestimenta, ou do jeito de falar ou ser, biologicamente. Isto tem servido para estruturar pensamentos, ideologias, embasar credos e posturas, que se sedimentam na linguagem falada, nas relações entre pessoas, nos estigmas e preconceitos, criam hegemonias.

Na relação de trabalho, principalmente, o corpo tem servido de mecanismo para inclusão ou exclusão, derivadas do preconceito, dos paradigmas sedimentados socialmente. Observe-se que para alcançar espaços no mercado de trabalho, a aparência, idade, cor tem sido elementos fundamentais. A magreza extrema é atributo das modelos internacionais, as mulheres brancas, loiras, bem vestidas e de corpo esbelto ainda conseguem os melhores lugares em cargos importantes, isto se ela não estiver concorrendo com homens, de igual forma brancos, saudáveis e de boa aparência. Neste sentido, ao sujeito negro,

esta possibilidade (de aceitação, inclusão, garantia de espaços sociais e de trabalho – grifo nosso) é, em grande parte, sonegada. O modelo de ideal de Ego que lhe é oferecido em troca da antiga aspiração narcísico-imaginária não é um modelo humano de existência psíquica concreta, histórica e, conseqüentemente, realizável ou atingível. O modelo de identificação normativo estruturante com o qual ele se defronta é o de um fetiche: o fetiche do branco, da brancura. (COSTA, 1984, p. 2).

Ao recorrermos à teoria bakhtiniana da enunciação, encontramos conteúdos pertinentes à palavra como signo dialético e ideológico, ao princípio dialógico, à alteridade e aos discursos cotidianos.

Na necessidade de compreender o outro, para Bakhtin, os falantes exprimem juízos ou acentos de valor apreciativos ou depreciativos:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas

que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1929, p. 95).

Portanto, “Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.”. (BAKHTIN/VOLOCHNÍNOV [1929], 2010, p.31) e neste princípio, percebemos que o signo *negro*, em nossa cultura, traz consigo uma carga ideológica, negativa, de preconceito, relacionada ao povo escravizado, considerado ignorante e selvagem. Lino (2002, p. 4), esclarece:

Quando pensamos nos africanos escravizados e trazidos para o Brasil, sempre vem à nossa mente o processo de coisificação do escravo materializado nas relações sociais daquele momento histórico. Esse processo se objetivava não só na condição escrava, mas na forma como os senhores se relacionavam com o corpo dos escravos e como os tratavam: os castigos corporais, os açoites, as marcas a ferro, a mutilação do corpo, os abusos sexuais são alguns exemplos desse tratamento. Mesmo diante de tal situação, em que a liberdade oficial estava condicionada à carta de alforria, os escravos e as escravas desenvolveram as mais diversas formas de rebelião, de resistência e de busca da liberdade. Naquele contexto, a manipulação do corpo, as danças, os cultos, os penteados, as tranças, a capoeira, o uso de ervas medicinais para cura de doenças e cicatrização das feridas deixadas pelos açoites foram maneiras específicas e libertadoras de trabalhar o corpo. Por esses costumes é possível percebermos o corpo como uma referência revolucionária da universalidade do homem.

O corpo negro, vendido, comercializado como carga animal ainda deixa rastros nos nossos dias. Como libertar as consciências deste mal persistente e injusto? Marx (s.r) afirma: "Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, seu ser social é que determina sua consciência."

1.3 A Venda do Corpo: Mercantilização e Relações de Trabalho

“A carne mais barata do mercado é a carne negra.”.
(Seu Jorge)

O trabalho como atividade consciente, proposital e criativa é essencialmente humano, que gera e produz cultura, continuidade das experiências e dão sentido à vida e existência. (MARX, 2001). É a ação inteligente, no conceito aristotélico, que ao mesmo tempo que transforma é também transformado. Contudo, enquanto necessidade humana,

o caráter histórico do trabalho amplia sua dimensão ao compreendermos a passagem das atividades colaborativas em sociedades primitivas, onde o bem comum é partilhado por todos; para as trocas de produtos e serviços e por fim, o trabalho assalariado com suas formas próprias de negociação. Com o capitalismo industrial, o aumento da sociedade urbana, o crescimento populacional desordenado; o processo e as relações de trabalho modificam-se dando lugar à visão de lucro, controle trabalhista e condições diferenciadas pelo uso da força humana desse físico, do tempo, movimento e ação.

Para Schwartz, o trabalho depreende o *corpo-si*, enquanto ser vivo que se relaciona com seu meio físico, como história pessoal, herança cultural e consciência em cada ato.

É na atividade que o *corpo-si* expressa seu potencial e se completa. A quebra ou ruptura dos acordos de trabalho, movimentos de infidelidade do meio, à norma prescrita, os conflitos entre diferenças sócio econômicas, apropriação mercantil do trabalho pela exploração e desvalorização do outro, entende-se por *dramática*. (SCHWARTZ e DURRIVE, 2010).

No Brasil colonial, assim como em muitos outros países, já em fase de desenvolvimento, cujo uso de mão de obra barata como força de trabalho nas indústrias; a opção pela escravização de outros povos passou a ser uma realidade. O mercantilismo brasileiro assentava-se sob três pilares: grande propriedade de terras para o cultivo da monocultura açucareira e a exploração de metais preciosos para a metrópole; e uso de mão de obra escrava, dos negros e negras oriundos da África; prática esta desde o Século XV.

Marquese afirma (2006, s.p.), “por conta da dinâmica do tráfico para o Brasil, o mais volumoso na história do comércio negreiro transatlântico, o africano escravizado era uma mercadoria socialmente barata”. Sendo o povo negro considerado um ser inferior, uma coisa, não pessoa, isento de direito; cremos, assim, que ultrapassa o sentido da *dramática*, uma vez que a justificativa para as atrocidades é que era um uso animal, comprado em mercado e comercializado para outros povos. Costa (1984, p 2), ao se referir ao ser e estar no mundo, explica, “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e de recusar, negar e anular a presença do corpo negro”. Era o seu corpo que era comercializado, mercantilizado. De que forma este corpo era utilizado para o trabalho?

Falar de escravidão é remontar práticas perversas de subjugação do ser humano, definindo-o como animal. Os horrores praticados e justificados pelos sistemas econômico, social e religioso demonstram que numa escala de humanização, já desenhada, as barbáries colocariam os dominadores abaixo; e o que justamente ocorreu e ocorre até nossos dias é o diametralmente inverso.

2. ATIVIDADES LABORATIVAS NO SÉCULO XIX NO BRASIL REALIZADAS PELA FORÇA ESCRAVA

Estudos, a partir da teoria darwinista, seguiram por diferentes rumos e serviram para legitimar tais práticas mencionadas. Chassot afirma *que* “é evidente que também o darwinismo teve e tem mau uso. A ideia de raça superior, é, portanto, detentora de supremacia sobre outras, levou (e leva) ao cometimento de muitas barbáries, que atestam o quanto os ditos superiores são inferiores” (CHASSOT, 2004, p. 200). Crê-se que, *Darwinismo Social* e o Evolucionismo de Spencer, elaboradas na Europa em meados do Século XIX, foram as grandes fontes, de onde se retiram os fortes argumentos contra a raça negra.

Os grupos sociais que detivessem os parâmetros europeus de organização como: linguagem escrita, desenvolvimento tecnológico, estados burocráticos e monoteísmo cristão estariam no topo da classificação. Considerando que o imenso continente africano está dividido por diferentes condições climáticas, muitas línguas e manifestações religiosas, torna-se quase que impossível nivelar ou agregar tantos países em um só conceito, a começar pelo relevo do continente africano marcado pela presença de dois grandes desertos: o *Deserto do Saara* e o *Deserto do Kalahari*. O primeiro encontra-se na região norte do país e o segundo encontra-se mais ao sul. Dividindo-se, portanto em **África Subsaariana** e **África do Norte**. Esta primeira, onde reside a maioria negra e detém os piores enfrentamentos naturais como estiagens, carência de água e alimentos, conflitos internos políticos religiosos e tem sido alvo de todo tipo de preconceito, estigmas e perversidades e de onde veio, basicamente, todo o contingente de escravos para os diversos países, inclusive o Brasil.

O Determinismo Biológico destacou-se como berço do preconceito racial forjando um tipo de biótipo negro não capacitado. Desta forma, considerados como força de trabalho acéfalo, os atributos físicos ainda são a marca para identificação de

negros e negras. (LINO, 2002). E ainda, “havia aqueles senhores de escravos e os traficantes que conheciam as características de cada povo. Mas, o negro passou a ser tratado como unidade. Não se falavam mais de pessoas, mas de peças.”. (ZAMPARONI, 2010, s.p).

Manuel Querino, artista baiano, sócio e frequentador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia desde 1894, em suas obras retratou negros e negras de Salvador, identificando as contribuições dessas populações na construção da sociedade brasileira. Em suas obras “o autor identificou as habilidades laborais, tecnológicas e artísticas particulares a cada etnia africana”. (VASCONCELLOS, 2009, p. 91).

Contudo, o sentido das imagens e legendas de Querino traziam linguagem afetuosa, nas especificações para o trabalho, diferente dos anúncios encontrados em jornais e fotografias dos períodos da escravatura e após esta.

As características físicas e comportamentais das mulheres foram associadas por Querino à adaptação ao trabalho. As jejes foram consideradas “as mais amorosas quanto à função da maternidade” e, por isso, “se distinguiam pela correção escultural; não tinham o rosto recortado de linhas e costumavam pintar a pálpebra inferior, com uma tinta azul, por faceirice ou enfeite”. (*sic*) (VASCONCELLOS, 2009, p. 95).

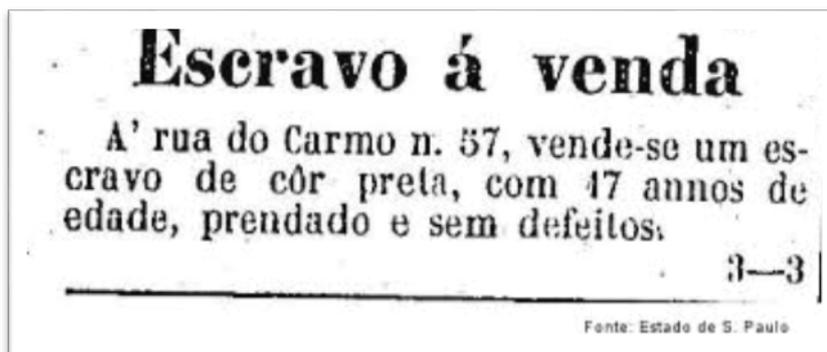
De igual forma, quando se refere aos homens, ele os classifica de acordo com a adaptação ao trabalho específico por suas condições físicas: “O Congo e notadamente o Nagô, o mais inteligente de todos, de melhor índole, mais valente e mais trabalhador. Os Gêges assimilaram um pouco os costumes locais, mas não em tudo. Eram muito dados a tocatas, a dansas e um tanto fracos para o trabalho de lavoura”. (*sic*) (VASCONCELLOS, 2009, p. 97).

Segundo Nascimento (2012), somente em 1809 que um negro apareceu em anúncio num jornal, cujo motivo foi a recuperação deste por seu dono, descrevendo suas características e com a caricatura do mesmo. A partir dele, tornou-se comum nas páginas jornalísticas os anúncios sobre negros e negras, ressaltando a força para o trabalho, “pois o escravizado era considerado uma mercadoria e, por isso, tinha-se que colocar ênfase em suas atribuições “positivas” para que a venda fosse efetuada”. (NASCIMENTO, 2012, p.70). A exemplo do *Jornal do Commercio*, na cidade do Rio de Janeiro, considerado de muita importância, uma vez que suas páginas traziam

diferentes conteúdos, do Brasil e Europa, e nestas incluía os anúncios publicitários de aluguel e venda de imóveis, máquinas e escravos. (AMANTINO, 2007).

O *Jornal Correio Paulistano*, de igual forma, publicava estes anúncios veiculados entre os anos de 1857 e 1879. Destes, foram selecionados alguns que traduzem os conceitos da época:

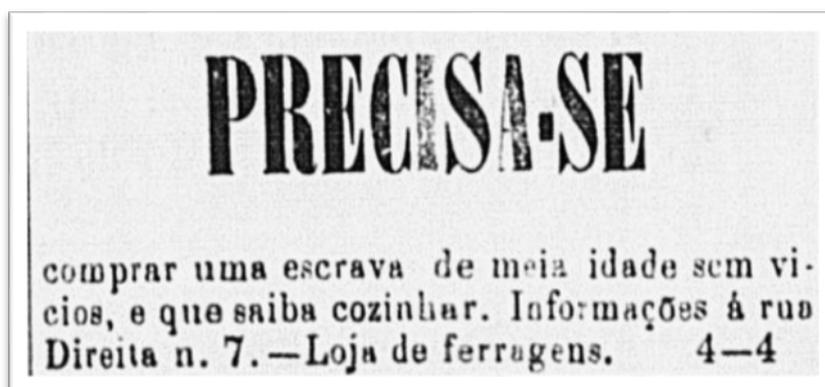
Figura 1: Anúncios de comércio de escravos no Século XIX



Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/>

Negros e negras saudáveis eram reforçados, pois suas boas condições físicas rendiam alto valor comercial e nos casos, de limitação física “como escravos cegos ou com outras deficiências que eram colocados nas ruas para esmolar, revertendo o lucro para seu dono”. (AMANTINO, 2007, s.p.).

Figura 2: *Correio Paulistano*, 8 de fevereiro de 1879.



Fonte: Nascimento, 2013.

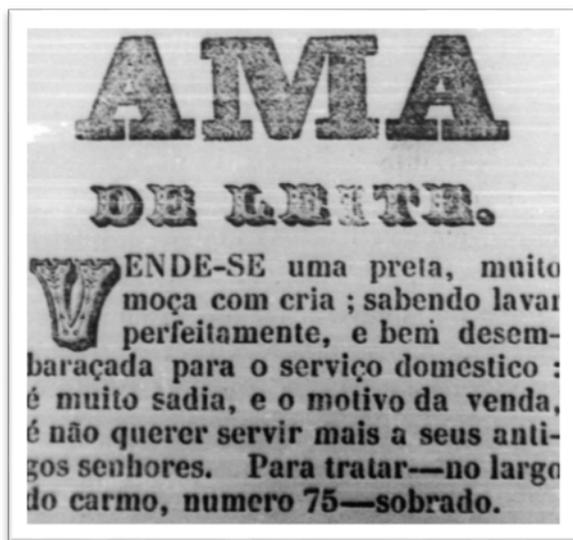
Ao se colocar como *saudável*, *sem defeitos e vícios* abarcariam qualidades no produto. Voloshinov (1929/1992, p. 132), indica que “a realidade concreta da linguagem enquanto discurso não é o sistema abstrato de formas linguísticas, nem uma

enunciação monológica e isolada, mas o acontecimento social de interação discursiva.”.

Tais palavras, utilizadas nos contextos de *compra e venda* repercutiam positivamente para que o negócio fosse realizado sem dificuldades.

Outras características do produto saudável “muito moça, sadia” aparecem na Figura 3 para a ama de leite.

Figura 3: Anúncio de comércio de escravos no Século XIX



Fonte: Nascimento, 2013.

O Correio Paulistano (SP) – 1870 a 1879 traz vários anúncios de produtos e serviços e dentre estes de escravos, com características que deveriam atrair os compradores, como mostra a Figura 4:

Figura 4: Correio Paulistano, 4 de março de 1879.



Fonte: Biblioteca Digital Brasil, s.d.

Logo abaixo, pode-se observar a venda de animais juntamente com escravos e ambos com suas características para o trabalho, como sendo da mesma espécie biológica. A maior ênfase é dada ao animal que ao ser humano.

Figura 5: Comércio de animais e escravos no Século XIX



Fonte: Correio Paulistano (SP) – 1862 a 1869, 13 de março de 1866.

O jornal *Diário de Porto Alegre, (RS)* teve breve circulação, iniciando em 1º de junho de 1827 indo até 30 de junho de 1828. Além de outras marcas jornalísticas, também divulgava venda, fuga ou aluguel de escravizados. Abaixo, selecionamos alguns destes anúncios, disponíveis em Geledés (2015):

Venda: *Vende-se uma escrava parda, cozinheira, costureira, engomadeira e rapariga. Quem a quiser comprar procure na rua da Igreja n° 25, à direita, na esquina dos Pecados Mortais (trecho da atual Bento Martins).*

– *Quem quiser comprar uma molequinha nova (escrava-criança) cozinha o ordinário. Quem pretender comprar dirija-se a rua do Arvoredo a casa n° 13 e ali achará com quem tratar.*

A ênfase dada nos anúncios acima está na idade, o que significava, quanto mais nova, mais útil e maior o tempo de serviço. Fairclough, (1992) admite que, embora não seja tão poderosa quanto as forças econômicas e políticas; a linguagem reforça e legitima as práticas sociais e materiais, assim como as relações de dominação e

hegemonias que as permitem, e mais do que isto, as legitimam, transformando a realidade idealizada em realidade vivida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo as ideologias, significações e construções da realidade física, das relações e das identidades sociais, temos daí pistas para a investigação das práticas discursivas como formas “materiais” da ideologia, que ecoam socialmente pelas polifonias e discursos hegemônicos.

O corpo, enquanto matéria concreta não está despido de emoção, sentimentos, desejos e afetos, tampouco; a inteligência humana, que se traduz em linguagens e culturas pelas atividades laborativas são particulares dos seres humanos, não importa raça, gênero, credo ou outro qualquer fator que nos coloque como diferenças. Temos vivido uma época em que alteridade, respeito, autonomia e vontade têm sido colocados à prova, aspectos estes jamais pensados num Brasil do Século XIX, perpetuador de práticas sociais injustas e desumanas como a escravização de outros seres humanos.

Ao discorrermos nossa pesquisa, percebemos muito claramente que, apesar das múltiplas tentativas de reduzir o trabalho escravo a algo de menor valor, sem racionalidades; uma vez que só necessitaria da mecânica, do fazer, aliado do pensar; os negros e negras, comercializados e vistos apenas como um corpo animal, executavam ofícios com primazia. O ato de fazer é um ato de pensar. A atividade humana é inteligente.

De um lado, toda atividade é aplicação de um protocolo e, de outro, um encontro de encontros a gerir. Desse modo, por mais prescritiva que possa ser uma tarefa, o que vai orientá-la e guiá-la na sua execução é também o conhecimento a respeito da situação de trabalho do operador. Em outras palavras, “[...] é a partir da situação na qual se encontra o operador que ele vai organizar sua ação e mobilizar eficazmente certo número de conhecimentos” (DURRIVE, 2011, p. 59).

A Ergologia relaciona ao trabalho um ambiente de vida e um ambiente de aprendizagem. É o movimento de confronto entre o saber científico e o cotidiano, buscando sua contextualização, pela validação ou interpelação epistemológica e ética, desta forma, renovando o saber fazer e reconstruindo a cultura, num processo incessante de uso da inteligência. As negras aprenderam as artes da cozinha, os gostos e temperos adaptados aos costumes e cultura branca, sem abrir mão dos seus próprios. Estes povos,

chegados ao Brasil, demonstraram ser mais do que corpos que agem, mas um corpo e uma mente pensante que desenvolveu arte, literatura, culinária, arquitetura, engenharia, alfaiataria, confecções de joias, sapatos e tantos outros ofícios e profissões que construíram o país, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da nação, contudo, a luta é constante quando se trata de ser negro ou negra, em especial no Brasil, pelo reconhecimento de seus valores e pela ruptura total do preconceito e estigmas que ainda os massacram e oprimem.

REFERÊNCIAS:

AMANTINO, Márcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no *Jornal do Commercio* (RJ) em 1850 **Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.14 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2007.**

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. MEMÓRIA .**Correio Paulistano (SP) – 1862 a 1869, 13 de março de 1866.**Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_02&pagfis=2042&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso: abril, 10.2017.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. MEMÓRIA. **Correio Paulistano de 1870 a 1879.** Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_03&pagfis=10329&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso: abril, 10.2017.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASIL. MEMÓRIA. **Correio Paulistano de 1870 a 1879.** Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=090972_02&pagfis=2042&url=http://memoria.bn.br/docreader# . Acesso: abril, 10.2017.

CHAMMÉ, Sebastião Jorge. **Corpo e Saúde: Inclusão e Exclusão Social** , 2002
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v11n2/02>. Acesso: abril, 10. 2017.

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

COSTA, Jurandir Freire Da. **Cor ao corpo: a violência do racismo** . 1984

http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/dacoraocorpo_jurandirfreire.pdf
Acesso: abril., 10. 2017.

DARÉ, Paula Serafim. **O Corpo na Obra de Arte: Idade Média, Renascimento e Maneirismo**. Monografia. Associação Junguiana do Brasil. 2015. Disponível em:<http://www.ajb.org.br/doc/departamento-de-arte/o-corpo-na-obra-de-arte-idade-media-renascimento-e-maneirismo.pdf>. Acesso: abril, 10, 2017.

DURRIVE, L. **A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 47-67, 2011.

ECO, Umberto. **História da beleza.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change.** Cambridge: Polity Press, 1992.

GELEDES. **Anúncios de escravos: os classificados da época.** Disponível em: <http://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/#gs.R7bX J0>. Acesso: abril, 10.2017.

LINO, Nilma Gomes. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação 2002, (21).** Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27502104>. Acesso: abril, 10.2017.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil. Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estud. - CEBRAP no.74 São Paulo Mar. 2006.**

MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

NASCIMENTO, Douglas. **SÃO PAULO ANTIGA.** Os repugnantes anúncios de escravos em jornais do Século 19. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/> Acesso: abril, 10.2017

NASCIMENTO, João Gabriel do. **Mídia, Propaganda, Negritude e Identidades.** Revista da ABPN • v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012 • p. 68-79.

O ESTADÃO. Disponível em:

<http://multidisciplinarcemap.blogspot.com.br/2013/09/anuncio-escravo-venda.html>
<http://blogs.estadao.com.br/>. Acesso: abril, 10.2017.

PLATÃO. Fédon. In: **Diálogos/ Platão**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Peleikat e João Cruz Costa- 5. Ed.- São Paulo: Nova Cultural, 1991. [Coleção Os Pensadores]

PUBLICITÁRIO POBRE. **A publicidade que vendia pessoas.** Disponível em: <https://publicitariopobre.wordpress.com/tag/negros/> 2013. Acesso: abril, 10.2017.

SANSONE, Lívio, **Nem somente preto ou negro o sistema de classificação racial no Brasil que muda .** Afro-Ásia, I8 (1 996), 165-187

SCHMITT, J. C. **A moral dos gestos.** D. B. Sant'Ana. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHWARTZ, Yves et DURRIVE, Louis (orgs.): **Travail et ergologie. Entretiens sur l'activité humaine.** Toulouse: Octares, 2003.

SILVA, Temas Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Produção e consumo social da beleza.** Horiz. antropol. vol.7 no.16 Porto Alegre Dec. 2001.

VASCONCELLOS, Christianne Silva. **O Uso de Fotografias de Africanos no Estudo Etnográfico de Manuel Querino.** Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana N° 4 dez./2009.

ZAMPARONI. **Os Grupos Africanos que vieram para o Brasil.** Disponível em: <http://osnegrosnobrasilatual.blogspot.com.br/2010/11/os-grupos-africanos-que-vieram-para-o.html>. Acesso, abril, 25.2017.